

Afro-religiosidade em Florianópolis: caminhos que levaram ao pioneirismo de Mãe Malvina na Umbanda

Afro-religiosity in Florianópolis: paths that led to the pioneering spirit of Mãe Malvina in Umbanda

Tatiana Machado Freitas¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo demonstrar quem foi Mãe Malvina e como são abertos os trabalhos do Centro Espírita São Jorge, reconhecido por parcela significativa da comunidade religiosa como o primeiro terreiro de umbanda da Grande Florianópolis. Para isso, será apresentada a presença da população negra no estado, uma síntese sobre a trajetória histórica da afro-religiosidade na região e as repressões policiais enfrentadas pelos terreiros. Isso será possível a partir da figura de Mãe Malvina, uma líder religiosa de grande prestígio na Grande Florianópolis, e com o amparo de reportagens jornalísticas realizadas sobre ela e seu terreiro, os quais exemplificam a sua importância para a comunidade religiosa da região.

Palavras-chave: Afro-religiosidade; Mãe Malvina; memória; população negra; preconceito; umbanda.

Abstract: This article aims to demonstrate who Mãe Malvina was and how the works of the São Jorge Spiritist Center are opened, recognized by a significant portion of the religious community as the first umbanda terreiro in Greater Florianópolis. For this, the presence of the black population in the state will be presented, a summary of the historical trajectory of Afro-religiosity in the region and the police repressions faced by the terreiros. This will be possible based on the figure of Mãe Malvina, a religious leader of great prestige in Greater Florianópolis, and with the support of journalistic reports about her and her terreiro, which exemplify her importance for the religious community in the region.

Keywords: Afro-religiosity; Mother Malvina; memory; black population; preconception; umbanda.

*Livre!
Ser livre da matéria escrava,
arrancar os grilhões que nos flagelam
e livre penetrar nos dons que selam
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.
Livre da humana, da terrestre bava,
dos corações daninhos que regelam,
quando os nossos sentidos se rebelam
contra a infâmia bifronte que deprava.
Livre! bem livre para andar mais puro,
mais junto à natureza e mais seguro
do seu amor, de todas as justiças.*

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: aptatianaf@gmail.com.

*Livre! para sentir a natureza,
para gozar, na universal grandeza,
fecundas e arcangélicas preguiças.²*

Apesar de não ser possível apontar com precisão qual teria sido o primeiro terreiro aberto ao público da Grande Florianópolis, há um consenso da comunidade afro-religiosa de que seria o Centro Espírita São Jorge, da mãe de santo Malvina Ayroso de Barros.³ O terreiro de Mãe Malvina iniciou seus trabalhos na década de 1940, no entanto, a prática afro-religiosa na cidade não teve início nesse período. Presente já no século XIX através das práticas de cura e benzimento — elencada pejorativamente como feitiçaria —, a religiosidade de matriz africana se apresenta embrionariamente através dos conhecimentos de medicina natural.

Por isso, este artigo além de apresentar como e quando surge formalmente a Umbanda na cidade, irá discorrer de forma sucinta sobre a presença negra na Ilha, o curso histórico das manifestações religiosas da população negra e os preconceitos enfrentados por ela. Para tanto, serão utilizados censos demográficos do século XIX e XX para comparação da população negra na cidade, trabalhos de especialistas na temática e matérias de jornais da época que retratam o cenário afro-religioso na região.

Presença negra na Ilha de Santa Catarina

Ao tratar das expressões afro-religiosas na Ilha de Santa Catarina, torna-se imprescindível falar da população africana e de seus descendentes na região. Essa importância se dá, sobretudo, pela necessidade em fornecer um olhar atento à essa população que, em grande parte da historiografia que trata da história do estado, foi invisibilizada através do predomínio das histórias e características européias. Vale ressaltar que isso se dá, em grande parte, pelas políticas de branqueamento pelo qual a região Sul do país passa no século XIX, as quais tinham o objetivo de promover o desaparecimento de negros e indígenas através da mestiçagem; e com o tempo, essas teorias de branqueamento foram se fortalecendo no campo ideológico, político e mitológico.⁴

No censo demográfico de 1980 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Catarina aparece ao lado do Mato Grosso do Sul e Fernando de

² Poema “Livre!” de Cruz e Sousa publicado em 1905.

³ TRAMONTE, Cristiana. Bases históricas da consolidação das religiões afro-brasileiras: embates e estratégias do “povo de santo” em Santa Catarina. In: III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH. Florianópolis, 2010, p. 51.

⁴ LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade história e segregação. Textos e debates: NUER/UFSC, ano 1, nº 1. 1991

Noronha com o menor percentual de negros do país: apenas 2% da população. A partir disso, como coloca Ilka Boaventura, o estado passa a ser considerado no cenário nacional enquanto um "Estado branco", uma "Europa incrustada no Brasil".⁵ Mais de um século antes, por volta da década de 1850, as homens e mulheres africanas marcavam sua presença nas ruas de Desterro e se concentravam, com uma certa predominância de mulheres, nos ramos do comércio ambulante. Em 1855, Nossa Senhora do Desterro era uma pequena cidade portuária com 5.611 habitantes, dos quais cerca de 1.436 eram escravos (25%).⁶ Menos de duas décadas depois, em 1872, de acordo com o Recenseamento Geral do Brasil de 1950 do IBGE, cerca de 9% da população catarinense se autodeclarava preta e 12,19% parda e, conforme aponta Soares, "A presença escrava está registrada no Quadro [demográfico] só a partir do século XIX, mas é sabido que depois da primeira metade do século anterior o negro já constituía um numeroso contingente da população do Desterro".⁷ Valendo ressaltar que, no estado, a capital foi o município que obtinha o maior número de escravizados, tendo seu ápice em 1824 e sofrendo um decréscimo após esse período.

Dessa forma, percebemos que o contingente escravo da capital não foi inexpressivo e, assim como elucida Maria das Graças (1997), não devemos cair nas armadilhas que buscam "justificar a invisibilidade das populações negras em Florianópolis sob o argumento de que Desterro, por ter sido uma economia subsidiária, teve, diferentemente de outras regiões brasileiras, uma população escrava bastante reduzida".⁸ A presença negra no solo catarinense e florianopolitano, portanto, não deve ser invalidada, dada a sua relevância para o desenvolvimento do estado e da cidade, bem como da sua história e cultura. A presença negra pode ser observada material e simbolicamente através da religiosidade de matriz africana cultuada na Ilha, e será a partir dela que dialogaremos a seguir.

Trajetória histórica das manifestações religiosas

As práticas religiosas da população negra se apresentaram, inicialmente, através das Irmandades, sendo as expressões do catolicismo praticadas pelos negros e negras essenciais

⁵ LEITE, 1991, p. 07.

⁶ POPINIGIS, Fabiane. 2012, p. 194.

⁷ SOARES, Iaponan. (1988) *Historiografia e Documentação sobre escravos em Santa Catarina - As Fontes do Arquivo Público do Estado*. *ÁGORA: Arquivologia Em Debate*, 4(8), 11–20. 2011, p. 14.

⁸ MARIA, Maria das Graças. "Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes": experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis – 1930 a 1940. *Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*. Florianópolis: UFSC, 1997, p. 27.

para a compreensão da formação das religiões afro-brasileiras na cidade. As Irmandades brasileiras, segundo Mortari (1995), se constituíram como instituições que, a partir da devoção de um santo específico, propiciavam laços de solidariedade e amizade entre os ‘irmãos’ e, também, ascensão social e representatividade. Além disso, houveram práticas de sincretismo religioso afro-brasileiro, como o Cacumbi, igualmente conhecido como Catumbi ou Quicumbi. Com isso, compreendemos a importância do catolicismo na manifestação afro-religiosa em Desterro, usado, muitas vezes, como método de defesa pela população negra da cidade.

A partir disso, é possível se valer da divisão histórica que Tramonte (2001) realiza sobre a trajetória histórica das religiões afro-brasileiras na cidade, a qual conta com 4 períodos: 1) fase embrionária no século XIX com as práticas de benzimento, interpretadas pelo estado como feitiçaria; 2) 1940-1960 com o surgimento dos primeiros terreiros no espaço público; 3) 1970-1980 com um aumento na visibilidade, ocupação do espaço público e consolidação da religião; 4) crescimento efetivo no número de praticantes. Partindo dessa distribuição, data do mesmo período os preconceitos institucionais sobre as práticas culturais da população negra, o que se exemplifica através do Código de Posturas de Desterro que coloca, na Lei 222 de 10 de maio de 1845, a proibição de "*ajuntamentos de escravos ou libertos... que tiverem por objetivo os souts reinados africanos*".

Assim dito, as primeiras manifestações dos saberes religiosos se dá nas práticas conhecidas como "feitiçaria", que nada mais seria que a aplicação de medicinas alternativas e naturais, principalmente através de benzimentos. Esse mesmo método era utilizado por outros grupos populacionais da cidade, como as mulheres açorianas, no entanto, à elas o termo "feitiçaria" não era utilizado, sendo empregada a conotação negativa e preconceituosa da expressão de forma restrita à população negra; assim, podemos dizer que o uso do termo "feitiço" também se dá sobre o medo da população no que concerne ao assunto e o que diz respeito aos espíritos e suas incorporações. No século XX, esse temor permanece, Maggie (1992) reflete sobre o Código Penal de 1942, o qual discute implicitamente a ideia de que o mal é sempre produzido pela crença nos espíritos, e também assinala que a crença neles jamais fora questionada, mas amedrontadora.

Levando isso em consideração e a crescente imigração europeia pelo qual passa todo estado, a população negra entra no novo século ainda mais marginalizada social, política, econômica e culturalmente. Entretanto, a organização do povo-de-santo se fortaleceu, mesmo que, como registra Yvonne Maggie, "Os terreiros [tenham sido] encarados como lugar de produção de loucura, anti-sociais, isolados, fora de controle, em lugares ermos e de difícil

acesso”.⁹ Neste contexto, emergem os primeiros terreiros de Umbanda,¹⁰ forma pioneira das religiões afro-brasileiras na cidade, e assim, então, surge o Centro Espírita São Jorge.

Mãe Malvina

Há um consenso entre os praticantes das religiões afro-brasileiras de Florianópolis sobre o primeiro terreiro aberto na cidade ser o Centro Espírita São Jorge. Apesar do sincretismo, encontrado logo no seu nome, a sua base é, como veremos, fortemente africana. Sob a regência de Mãe Malvina, o Centro inicia seus trabalhos em 1947 e é oficializado seis anos depois, em 1953, e para compreender de que forma a religião se manifesta publicamente, é necessário evidenciar quem foi Mãe Malvina.

Figura 1: Mãe Malvina



Fonte: MENÊSES, 1973 apud NUER, 2017, p.80.

Malvina Airoso de Barros nasceu em 14 de setembro de 1910 na cidade de Itajaí e foi tecelã e artesã ao longo da sua vida. Sobre ela, partilhamos o apontamento de Silva (2016, p. 128): “Personagens como Mãe Malvina saltam aos olhos do historiador, não como uma

⁹ MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço. Relações entre poder e magia no Brasil. RJ: Arquivo Nacional, 1992, p. 178.

¹⁰ A origem histórica da Umbanda mais veiculada conta que a sua fundação se deu por Zélio Fernandino de Moraes em 1908 através da sua incorporação com o Caboclo das Sete Encruzilhadas. No entanto, o seu surgimento conta com outras interpretações, como a narrativa de que, na verdade, é um culto secular africano e que já no século XIX era praticado no Rio de Janeiro. Para saber mais sobre, ver: DELGADO, David Dias. Cruzes e Encruzilhadas: Sincretismo e identidade nos terreiros de Umbanda no eixo Rio – São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). São Paulo: PUC/SP, 2022.

personagem pronta, cuja vida deve ser investigada a ponto de classificá-la com a ajuda dos instrumentos da narrativa histórica, mas como um sujeito de discursos construídos pelo tempo”. Ela descobre sua mediunidade quando já tinha quase 30 anos, e sobre o assunto, ela compartilhou em 1987 ao jornal O Estado: *“Eu trabalhava numa fábrica de tecidos quando comecei a ter ataques epilépticos e tive que sair... Mas as crises continuavam. Só depois que entrei para a Umbanda fiquei curada, por isso minha família, apesar de ser católica, aceitou o fato”*. Neste relato, Malvina evidencia uma das motivações principais pela qual as religiões de matriz africana eram procuradas: problemas aparentemente de saúde física que não eram identificados ou tratados através da medicina convencional, e por isso, surge a necessidade de procurar soluções diversas para a doença ou perturbação.

Casada com José de Barros, baiano e também umbandista, Malvina decide após esses acontecimentos e contando com o apoio de seu companheiro, ir ao Rio de Janeiro em 1941 para desenvolver sua mediunidade e, cinco anos após, em 02 de fevereiro de 1946, dia de Iemanjá, Malvina "fez sua cabeça" na Escadaria da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia, berço do candomblé.¹¹ A partir deste momento, nasce Mãe Malvina, a qual, um ano após, iria ser a criadora do primeiro terreiro de umbanda da Grande Florianópolis, juntamente com José de Barros.

Centro Espírita São Jorge: origem, repressão e visibilidade

O Centro Espírita São Jorge se localiza na Rua Felipe Neves, no bairro da Coloninha; na época, o bairro era pouco habitado, diferentemente do que vemos hoje, visto que se configura enquanto uma área fortemente urbanizada da região continental da cidade.

¹¹ O termo “fazer a cabeça” é utilizado para nomear o momento no qual a pessoa se inicia na religião, sendo submetida a ritos específicos e aprendizados sobre os cultos da religião. É, neste momento, que a cabeça, (*Orí* em yorubá) é preparada para receber os Orixás que guiam e protegem a pessoa.

Figura 2: Centro Espírita São Jorge Guerreiro



Fonte: MENÊSES, 1973 apud NUER, 2017, p.81.

O C.E. caracteriza a primeira manifestação da região também pelo uso de elementos de culto africanista que antes não eram vistos, como o atabaque, instrumento de percussão essencial para que o rito seja realizado, e segundo Tramonte, eles não eram utilizados com o objetivo de evitar a repressão policial e confrontos com a vizinhança.¹²

Pensando na divisão histórica das religiões afro-brasileiras já colocadas, as décadas apontadas como referências para o surgimento dos terreiros são marcadas também por forte violência e perseguição policial. Sobre isso, Mãe Malvina expôs que *“houve uma época em que a Umbanda era considerada feitiçaria. Sofri muito porque as pessoas não estavam acostumadas com isso, que é comum do Rio de Janeiro para cima principalmente”*.¹³ Por conta disso, inclusive, apesar de viver em uma área com amplo acesso à praia, a Yalorixá realizava suas homenagens à Iemanjá na praia de Tramandaí, no Rio Grande do Sul.¹⁴ Neste aspecto, Juraci Malvina Pereira, filha de Mãe Malvina e responsável pelo C.E. após a morte de sua mãe, relata à Tramonte (2001):

Eu escutava minha mãe contar que sofreu muito com o Coronel Estrogildo. Esse homem chegava nos terreiros... e levava os tambores para a delegacia. Ela passou muito trabalho. Os vizinhos que não aceitavam, diziam que aqui dançavam mulheres nuas, que era casa de putaria.¹⁵

¹² TRAMONTE, 2001, p. 53

¹³ *O Estado*, 23/04/1982.

¹⁴ “Yalorixá” é uma adaptação do termo yorubá *iyalorishá*, que se traduz como mãe-de-santo, a sacerdotisa responsável pelos trabalhos de uma casa de culto religioso afro-brasileiro.

¹⁵ TRAMONTE, 2001, p. 55.

Além da tirania policial, havia o preconceito e perseguição por parte de membros da Igreja Católica: *“Sofri muito no colégio porque minha mãe era umbandista. O padre me tirava da sala de aula; ele vinha dar aula de doutrina na escola...e dizia: você se retire porque é macumbeira. Eu queria morrer... Eu tinha 14 anos, em 1953”*. Mãe Malvina mesmo identifica esses acontecimentos contando em uma entrevista concedida em 1978 para O Estado que *“muitas vezes [se] impedia a realização de nossos cultos sob alegação de que coisas imorais aconteciam aqui”*.¹⁶

Com o passar do tempo, Mãe Malvina e seu Centro foram cativando o respeito da população, a qual passou a compreender a prática do amor e da caridade pela qual se ampara a religião de matriz africana. As repressões reduzem, então, a partir da década de 1960. Com isso, se consolida o foco deste artigo na temporalidade em que os rituais afro-brasileiros ganham maior visibilidade e respeito.

A década de 1970 e as divulgações públicas sobre o C.E e Mãe Malvina

A partir da década de 1960, que é quando ocorre uma maior ocupação do espaço público das religiões afro-brasileiras, o que proporciona uma maior visibilidade e consolidação das mesmas, há uma série de reportagens jornalísticas sobre o assunto. Dada a representatividade de Mãe Malvina para a comunidade, há diversos relatos sobre festejos ocorridos no seu terreiro, principalmente no jornal O Estado, que dedicou múltiplas páginas à história do Centro e da Yalorixá. No entanto, ressalta-se que, apesar das páginas de jornal, a documentação existente acerca de Malvina não vai muito além disso, que é o que indica Silva (2016, p. 17) ao constatar que *“o que se pode encontrar no Arquivo Público do Estado são pequenos rastros de notícias de jornais desde os anos de 1970 até o seu falecimento em 1988”*. Apesar da escassez, foi possível analisar algumas reportagens, como veremos a seguir:

Figura 3: Umbandistas festejaram o Preto-Velho.

¹⁶ O Estado, 30/12/1978.



Fonte: O Estado (19/05/1971).

Na reportagem de 19 de maio de 1971, é anunciada a festa de pretos-velhos ocorrida no C.E. e veiculada na capa e entre as páginas do jornal O Estado a imagem de Mãe Malvina (ao centro) entrando em transe, provavelmente com a sua preta-velha Maria Conga. Ao longo da matéria, havia

(...) uma breve descrição sobre a tão comemorada data do aniversário de preto velho, a minuciosa descrição da entrada do terreiro de Malvina, que fizera referência a uma senzala, e logo após lemos a descrição feita sobre o terreiro de São Jorge como um dos mais bem cuidados do estado e D. Malvina, como é chamada pela narrativa, apontada como uma das mães de santos mais famosas de Santa Catarina. Na sequência, uma significativa descrição sobre o que seria a Umbanda, segundo o discurso proposto pela reportagem. Fala em uma religião que ainda se desenvolve no país e do sincretismo religioso, ou seja, das várias influências.¹⁷

A imagem divulgada pelo jornal e o conhecimento sobre as páginas textuais da matéria fornecem uma série de elementos para análise. Em primeiro lugar, coloca-se o caráter narrativo da notícia, que destaca:

¹⁷ SILVA, Beatriz Pereira da. “Trajetória de luz e encanto”: discursos e narrativas sobre a mãe Malvina (1970-2016), 212 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2016, p. 128.

No Centro Espírita São Jorge, no Estreito, que tem como mãe-de-santo a figura conhecida de dona Malvina Airoso Moreira a gira começou por volta das 21 horas (...). O terreiro do Centro Espírita São Jorge, um dos mais bonitos e bem cuidados de todo o Estado conta com três gongás (altares). Logo a entrada do terreiro está o gongá de Ogum (São Jorge) padroeiro do terreiro e guia da mãe-de-santo.¹⁸

Nota-se a descrição de diversos elementos, como o terreiro e sua localização, o traço de beleza e cuidado atribuído à ele e também a citação à Yalorixá, à termos religiosos (como gongá) e ao Orixá Ogum.¹⁹

Interessa-nos, sobretudo, atentar para a importância social e política de uma comemoração de Pretos-Velhos, entidades que se caracterizam, em sua maioria, como escravizados e que trabalham na linha de Almas, seja apresentada na capa de um forte meio de comunicação da época. Essa movimentação se dá provavelmente como uma estratégia de Malvina em dar visibilidade ao seu culto religioso, visto que a imagem é realizada de dentro do terreiro, ou seja, conta com a autorização da dirigente do Centro. Além disso, é relevante afirmar que essa representação se dá em um terreiro africanista e com o vínculo direto com o Candomblé, sendo Malvina iniciada na religião nas escadarias da cidade mais negra do país e pioneira no culto afro-religioso.

Conclusão

A região Sul do Brasil não apenas passou por um projeto de branqueamento que se reflete na atualidade, mas segue sendo alvo do discurso equivocado de que o Sul é quase exclusivamente branco. A historiografia mais recente e os movimentos sociais nos alertam para o oposto, sendo o movimento “Tem Preto no Sul” uma das formas de percebermos isso.²⁰ Entretanto, mesmo com os avanços em torno da relevância da comunidade negra para o Sul do Brasil, ainda é percebida a invisibilização e marginalização colocada sobre essa parcela da população dos territórios da região, portanto, a essencialidade de afirmar que negros e negras não apenas povoaram esses espaços, mas foram e são fundamentais para as suas construções, não cessou.

¹⁸ *O Estado*, 19/05/1971, p. 5

¹⁹ Orixá da guerra e que forja o ferro, responsável por vencer demandas e dar licença (*Agô*, do yorubá) para que sejam realizados os trabalhos do terreiro.

²⁰ O projeto “Tem Preto no Sul” surge em 2016 na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com o intuito de dar visibilidade a trabalhos artísticos realizados por pessoas negras. Entretanto, o movimento ganhou força nos últimos anos e se expandiu para outras regiões.

Tem preto no Sul
Pro paulista isso causa espanto
Omitem nossa relevância na formação da sociedade
O racismo fala em "racismo velado"
Desculpa, ele é explícito no meu estado.²¹

Apesar de a poesia elaborada por Bruno Negrão e Cristal Rocha ter sido apresentada durante o desfile ‘Poder Melanina Black’ da Loja Consone na Orla do Gasômetro de Porto Alegre e se referir ao estado gaúcho, é possível localizar que a realidade descrita nos versos dos autores não se distancia da que é percebida no solo catarinense.²² Com isso, não podemos cair no discurso (e na prática) de somente reforçar a invisibilização criada em torno da população negra da região, mas sim, tomar consciência racial — independente da nossa cor — e atentar para a história que nos contam os movimentos sociais.

Partindo do entendimento de memória enquanto forma de preservar o conhecimento que se encontra à disposição da sociedade,²³ uma questão primordial de ressaltar ao evidenciar as contribuições da população negra, é a religiosidade. Muito mais que um culto isolado com duração de algumas horas, ela reflete o modo de vida africano e afro-brasileiro, marcado pela oralidade, pelo matriarcalismo, pelo respeito à ancestralidade e pela forte rede de afeto e solidariedade.

Sobre as religiões de matriz africana em Florianópolis, identificamos entre as décadas de 1940 e 1970 a busca pela sua afirmação, e a partir desse período, como constatamos, houve uma ampliação no culto e na percepção da sociedade sobre ele. Assim, através do Centro Espírita São Jorge, Mãe Malvina representa todas essas características, e pôde, pessoalmente e ao longo de mais de 40 anos, representar a força e a beleza da ancestralidade negra.

Referências

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites no século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CANDEMIL, Luciano da Silva. **Ressonâncias históricas das religiões afro-brasileiras em Santa Catarina**: Florianópolis, Itajaí e Joinville. Revista Orfeu, v.5, n.3, dezembro de 2020 p. 503 de 577. Florianópolis, 2020.

²¹ NEGRÃO; ROCHA, 2018

²² Para conferir a poesia completa, ver: TEM PRETO NO SUL | Poesia de BRUNO NEGRÃO e CRISTAL ROCHA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EhOIX8ppnIA&ab_channel=BrunoNegr%C3%A3o. Acesso em 24 de abril de 2023, 11h37.

²³ DEGLINOMINI, Liziane de Souza. 2014.

CRUZ E SOUSA. **Últimos sonetos**. Paris, França: Aillaud, 1905.

Em Canasvieiras, amanhã, a Festa de Iemanjá. **O Estado**. Florianópolis, 30 dez. 1978, p. 16.

FERREIRA, Berenger. **Mãe Malvina, 50 anos dedicados aos trabalhos de um Centro Espírita**. **O Estado**, 08/10/1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: Santa Catarina. Rio de Janeiro, 1955. 132p. (VI Recenseamento Geral do Brasil - 1950, Série Regional, v. XXVII, t. 1).

LEITE, Ilka Boaventura. **Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação**. In: *Negros o Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade*, Florianópolis, Editora Letras Contemporâneas, 1996.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço. Relações entre poder e magia no Brasil**. RJ: Arquivo Nacional, 1992.

MARIA, Maria das Graças. **“Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes”**: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis – 1930 a 1940. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: UFSC, 1997.

NUER – Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (Organização de Ilka Boaventura Leite e Alexandra Eliza Vieira Alencar). **O axé dos territórios religiosos em Florianópolis e municípios vizinhos**. Florianópolis: Edições do Bosque UFSC/CFH/NUPPE, 2020, 210 p.

Preto Velho na Umbanda teve seu dia comemorado. **O Estado**. Florianópolis, 19 maio 1971, p. 5.

SILVA, Beatriz Pereira da. **“Trajetória de luz e encanto”**: discursos e narrativas sobre a mãe Malvina (1970-2016), 212 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2016.

SILVA, Beatriz Pereira da. **Memórias sobre uma mãe de santo**: uma problemática acerca da discussão memória e história. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015.

SILVA, Jaime J. S. **Danças, tambores e festejos: Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX**. In: *Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil*, vol.1, n.1 – 2007.

SOARES, Iaponan. (1988) **Historiografia e Documentação sobre escravos em Santa Catarina - As Fontes do Arquivo Público do Estado**. ÁGORA: Arquivologia Em Debate, 4(8), 11–20. 2011.

Terreiros em festa: é hoje o “Dia de Ogun”. **O Estado**. Florianópolis, 23 abril 1982, p. 30.

TRAMONTE, Cristiana. **Bases históricas da consolidação das religiões afro-brasileiras:** embates e estratégias do "povo de santo" em Santa Catarina. In: III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH. Florianópolis, 2010.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!** Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALI, 2001.